

ANEXO 1

ANEXO A – EXCERTO DE UMA NOTA DE CAMPO ILUSTRADORA DA RELAÇÃO ENTRE A EQUIPA DE SALA

“O Rodrigo estava muito *agitado*, como de costume e todo o grupo começou a ter muitas dificuldades em permanecer sentado, em silêncio, no tapete. Sempre que tentava falar o Rodrigo gritava por cima da minha voz e os outros começavam a dispersar, falando uns com os outros. A educadora percebeu e levou-o para a zona dos cabides, onde já ontem a auxiliar tinha estado com ele, conversando sobre temas focalizados nos seus interesses (carros, autocarros e táxis). Como ambas estão ocorrentes da situação, ambas trabalham no mesmo sentido, averiguando e diagnosticado a criança através destes momentos mais individualizados. Enquanto a educadora esteve com ele, o grupo *acalmou*, começando a falar mais baixo e a respeitar as regras do tapete. Quando a auxiliar chegou à sala, conversou com a educadora por alguns momentos e depois a educadora juntou-se ao grupo, ficando agora a auxiliar com o Rodrigo, a desenhar numa mesa” (Excerto NT 19, 26 de outubro 2016, sala de atividades).

ANEXO B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA À EDUCADORA COOPERANTE (E1)

Objetivos da entrevista: Destacam-se como objetivos desta entrevista conhecer as intencionalidades inerentes à prática da educadora cooperante da PPS ao nível de: trabalho com o grupo; famílias; equipa; organização de tempos, espaços e materiais. Pretende-se, ainda, conhecer os modelos ou metodologias que sustentam a sua prática.

Blocos	Objetivos	Questões/ Respostas
Legitimação da Entrevista e motivação do entrevistado	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado para a mesma	a. Agradecimento da presença b. Informação sobre o tema e os objetivos da entrevista c. Confirmação do caráter confidencial das informações prestadas
Intenções gerais da educadora	Conhecer as intenções e princípios da educadora, na sua prática	1. Quais as intenções e princípios que destaca no trabalho que desenvolve com o grupo? Depois de ter feito o diagnóstico e despiste de problemas, situações de risco e inaptações, estou a tentar conhecer e identificar as características individuais de cada criança, os seus interesses, as suas dificuldades e a forma como interagem em grupo. Apesar deste ser um grupo de 20 crianças de 5/6 anos, algumas destas crianças estão pela primeira vez a frequentar o ensino Pré-escolar, revelando algumas dificuldades a vários níveis. Para além disso, fazem parte do grupo duas crianças com

		<p>NEE que, pelas características inerentes às suas problemáticas, tendem a causar alguma perturbação e instabilidade no grupo, fazendo com que a progressão no desenvolvimento das atividades e projetos de sala seja mais lenta e desgastante, pelo menos nesta fase inicial em que tentamos diariamente ajustar estratégias de forma a que estes comportamentos se tornem mais ajustados e não perturbem tanto o funcionamento do grupo e a relação entre pares. Três outras crianças já têm relatórios referindo dificuldades a vários níveis e a necessidade de uma avaliação na Unidade de neurodesenvolvimento e uma outra que veio transferida de outro Jardim de Infância, já está referenciada e em consultas de desenvolvimento por suspeita de hiperatividade desde o ano letivo anterior. Por último há a referir um outro grupo de crianças com um nível de conhecimentos e interesses bastante acima da média do grupo e que poderá perder o interesse se não for “desafiado” e estimulado. É em resumo, um grupo composto por crianças com necessidades e interesses bastante específicos e diferenciados e que por essa razão necessitam de uma atenção e ação bastante individualizada, quer através de um acompanhamento por parte do adulto, quer através da ajuda entre pares, para que cada uma delas até ao final deste ano letivo, consiga adquirir as competências necessárias para entrar para o 1º ciclo, uma vez que quase todas estas crianças no final deste ano letivo terão idade de ingresso na escolaridade obrigatória. Apesar de já ter planificado e organizado as atividades letivas através de uma programação prévia tendo em conta o Plano Anual de Atividades e as OCEPE,</p>
--	--	---

		essa planificação será sempre permeável às propostas, interesses e necessidades das crianças.
Famílias	Conhecer as intenções da educadora relativas ao trabalho com as famílias	<p>2. Como descreve a relação escola-família?</p> <p>Faz-se o que se pode e consegue. Tento sempre envolver as famílias no processo educativo e no dia-a-dia das crianças do Jardim de Infância. Este ano letivo não vai ser exceção, os pais e familiares vão ser chamados a colaborar em várias situações e projetos. Tudo depende da disponibilidade de cada família.</p>
Equipa Educativa	Conhecer a relação da equipa da sala	<p>3. Como descreve a relação da equipa da sala?</p> <p>Para que tudo corra bem, a relação entre pessoas que trabalham juntas deve ser mantida na base do respeito mútuo, da educação e da compreensão. Só assim é possível trabalhar e conviver em harmonia. Quando para além do respeito mútuo, da educação e da compreensão há também amizade, tudo se torna ainda melhor e mais agradável e quando tudo isto se soma ao facto da assistente da sala ter o curso de educadora de Infância, tudo se completa. É isso que acontece na nossa sala e claro que é facilitador para o nosso trabalho em equipa e para que tudo corra bem, ou pelo menos, para que tudo corra o melhor possível.</p>

<p>Espaço</p>	<p>Conhecer as intenções da educadora cooperante relativamente ao espaço da sala</p>	<p>4. Quais as suas intenções relativas ao espaço da sala? Qual o porquê da disposição da sala/exterior?</p> <p>Quando cheguei a esta sala pela primeira vez e vi aquele placard enorme até ao chão que estava a ser utilizado para afixar trabalhos, tive de imediato a ideia de o transformar em espaço para pintura vertical. A ideia das crianças poderem fazer pinturas de grande formato, expressando o traço com grande amplitude de movimentos pareceu-me excelente e essencial e foi isso que fiz de imediato. Uma vez que o espaço das TIC não poderia ser alterado por causa da colocação dos cabos e modem, condicionou um pouco todas as outras áreas. No entanto, tive de ter em atenção às áreas ou atividades que necessitam de mais luz ou exposição solar, como as Ciências e Natureza, ou mesmo a tapeçaria, que tiveram de ficar perto das janelas, bem como a Biblioteca, ao contrário de outras, como a casinha ou os fantoches que não exigem tanta exposição solar, mas mais recantos, onde as crianças se sentem mais protegidas, resguardadas e mais à vontade para brincadeiras como o “Faz de conta”.</p> <p>Esta organização dos espaços não é estanque, durante o ano letivo vão com certeza surgir novas áreas, novos materiais, tendo em conta os novos projetos ou atividades trabalhados na sala. Poderá haver supressão ou duplicação de áreas consoante os interesses ou necessidades deste grupo de crianças e a sua evolução ao longo do ano, ou sempre que isso se justifique, beneficiando um ambiente estimulador da</p>
---------------	--	--

		aprendizagem. É fundamental criar um ambiente rico em estímulos e criar novos desafios que proporcionem novas descobertas.
Tempo	Conhecer as intenções da educadora cooperante relativamente à organização do tempo e da rotina	<p>5. Quais as suas intenções relativas à organização do tempo e rotinas?</p> <p>O tempo é o que nós fazemos dele.</p>
Modelos ou metodologias	Conhecer quais os modelos ou metodologias que sustentam a sua prática	<p>6. Na sua prática, orienta-se segundo algum modelo pedagógico ou metodologia de trabalho? Como descreve a sua ação?</p> <p>As minhas opções Pedagógicas, baseiam-se principalmente na Educação Artística; na ideologia defendida pelo Movimento da Escola Moderna e na teoria Sócio-construtivista de Lev Vygotsky e que passa pela promoção de atividades que privilegiam a interação social e a linguagem, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo. Sempre considerei muito importante dar espaço ao diálogo e ao reforço positivo e por isso costumo promover momentos de reunião, durante os quais são discutidos diversos temas; atitudes; é feito o balanço e avaliação de atividades e tentamos entre todos decidir ou resolver questões. É também destes momentos que partem os projetos, a</p>

		<p>organização individual ou em grupo e a divisão de tarefas, para a realização dos trabalhos. Considero de extrema importância promover no grupo valores de cidadania como o respeito pelo outro, a solidariedade, a partilha, e a amizade, para que desde cedo compreendam a importância de fazer parte de uma sociedade mais humana e solidária.</p>
--	--	---

ANEXO C – TABELA DE INFORMAÇÕES DAS FAMÍLIAS¹

Tabela 1
Informações famílias

		Idade	Naturalidade	Nacionalidade	Habilitações Académicas	Profissão	Tipologia do Agregado Familiar	Observações
Afonso	Mãe	40	Portuguesa	Portuguesa	6º ano	Desempregada	Nuclear	Recebem abono de família
	Pai	39	Portuguesa	Portuguesa	6º ano	Desempregado		
Aline	Mãe	39	Angolana	Angolana	Licenciatura	Eng. Químico	Nuclear	-
	Pai	39	Angolana	Angolana	12º ano	Desempregada		
Alexandre	Mãe	38	Moçambicana	Portuguesa	12º ano	Desempregada	Nuclear	-
	Pai	41	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Gestor		
Alexandre P.	Mãe	36	Moldava	Portuguesa	Licenciatura	Técnica de saúde	Monoparental materna	Pai encontra-se em França. Recebem abono de família
	Pai	38	Moldava	Portuguesa	?	?		
Angelina	Mãe	44	Russa	Portuguesa e Russa	Licenciatura	Empregada de escritório	Nuclear	Pai trabalha em Portugal e em França.
	Pai	53	Russa	Portuguesa e Russa	Licenciatura	Gerente de obras		
António	Mãe	40	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Desempregado	Nuclear	Recebem abono de família
	Pai	43	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Sócia-Gerente de um restaurante		
Bárbara	Mãe	34	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Militar	Nuclear	-
	Pai	36	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Militar		

¹ Dados recolhidos por meio da observação, conversas informais com a equipa da sala e com as famílias e através da consulta das fichas e processos de cada criança.

Diogo	Mãe	22	Portuguesa	Portuguesa	9º ano	Operadora de loja	Monoparental materna	Mãe recebe abono de família
	Pai	23	Portuguesa	Portuguesa	6º ano	Militar		
Filipe	Mãe	38	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Designer Gráfica	Nuclear	-
	Pai	51	Moçambicana	Portuguesa	Licenciatura	Eng. Mecânico		
Gleydison	Mãe	28	Portuguesa	Portuguesa	5º ano	Desempregada	Monoparental materna	(informação não cedida pela mãe ²)
	Pai	?	Brasileira	?	?	?		
Joana V.	Mãe	42	Angolana	Portuguesa	12º ano	Empresária	Nuclear	-
	Pai	39	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Coordenador		
Leonor	Mãe	37	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Empregada de balcão	Monoparental materna (guarda partilhada)	Recebem abono de família
	Pai	38	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Técnico de Administração		
Martim	Mãe	39	Portuguesa	Portuguesa	5º ano	Trabalhadora da limpeza	Nuclear	Recebem abono de família
	Pai	50	Portuguesa	Portuguesa	8º ano	Motorista		
Mariana	Mãe		Portuguesa	Portuguesa	9º ano	Desempregada	Nuclear	(ficha incompleta)
	Pai		Portuguesa	Portuguesa	8º ano	Industrial de construção		
Miguel	Mãe	35	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Rececionista	Monoparental Materna (guarda partilhada)	Divórcio recente
	Pai	34	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Supervisor de comunicação		
Rafael	Mãe		Romena	Romena	12º ano	Porteira	Monoparental materna	Não tem ligação com o pai. Recebem abono de família.
	Pai		?	?	?	?		
Rodrigo B.	Mãe	40	Portuguesa	Portuguesa	Licenciatura	Desempregada	Nuclear	-
	Pai	38	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Governante geral		
Rodrigo	Mãe	38	Portuguesa	Portuguesa	8º ano	Doméstica	Nuclear	

² Nenhum dos elementos da equipa conhece o pai do G., pois este vive no Brasil, país onde a criança já viveu.

	Pai	40	Portuguesa	Portuguesa	4º ano	Cortador de carnes		Recebem abono de família.
Tiago	Mãe	38	Portuguesa	Portuguesa	9º ano	Auxiliar de ação médica	Nuclear	-
	Pai	38	Portuguesa	Portuguesa	9º ano	Motorista da Carris		
Tiago G.	Mãe	32	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Empregada de mesa	Monoparental materna (guarda partilhada)	Recebem abono de família, escalão 2.
	Pai	40	Portuguesa	Portuguesa	12º ano	Comercial		

ANEXO D – TABELA DE INFORMAÇÕES DAS CRIANÇAS

Tabela 2
Informações crianças

Nome	Nacionalidade	Data de Nascimento	Idade a 11-10-16	Irmãos	Percurso Institucional	Observações
Afonso	Portuguesa	06-07-2011	5 anos	1 irmão mais velho	Veio do grupo anterior	Nasceu no Porto. Mostra frequentemente dificuldades de concentração quer em momentos de trabalho individual, quer em grande grupo. Fala muito da família e dos momentos que passa com o seu padrinho (que é o seu irmão).
Aline	Angolana	17-01-2011	5 anos	1 irmã mais velha	Veio do grupo anterior	Anda sempre junto da Bárbara procurando <i>obedecer</i> às suas ordens. Mostra uma grande necessidade em <i>preservar</i> as suas amizades. É <i>reservada</i> , muito <i>atenta</i> e <i>observadora</i> .
Alexandre	Portuguesa	26-09-2010	6 anos	2 irmãs mais velhas	Veio do JI nº1	Não tem CAAAF. É muito <i>interessado</i> , procurando sempre aprender, conhecer e descobrir mais sobre os tudo o que aprende de novo, quer no JI, quer em casa.
Alexandre P.	Portuguesa	10-11-2010	5 anos	1 irmã mais velha	Veio do JI C	É muito <i>reservado</i> e <i>tímido</i> . <i>Interessa-se</i> muito por descobrir coisas novas. Descobrimos que por vezes chora antes de vir para o JI, mas no geral, apresenta estar <i>bem</i> durante todo o dia, apesar de por vezes tender a isolar-se dos outros, brincando sozinho.
Angelina	Portuguesa/ Russa	04-12-2010	5 anos	1 irmã mais velha	Veio de outro JI	É muito <i>curiosa</i> e procura sempre ajudar o outro. Gosta de cantar em russo sozinha ou com os pares.

António	Portuguesa	24-05-2011	5 anos	Não tem	Veio do grupo anterior	Não tem CAAAF. É a avó que o vem buscar. É bastante <i>reservado</i> . Brinca com a Joana e, muito raramente, com as outras raparigas. Questiona muito o adulto sobre as coisas que estão a ser feitas, mostrando-se <i>interessado</i> em perceber o porquê das coisas serem feitas daquela forma.
Bárbara	Portuguesa	23-09-2010	6 anos	2 irmãos	Veio do grupo anterior	É a <i>líder</i> do grupo das raparigas. Gosta de <i>ditar</i> as regras e de <i>decidir</i> o rumo das brincadeiras. É <i>carinhosa</i> com os outros quando estes se mostram mal (principalmente o Rodrigo).
Diogo	Portuguesa	25-10-2010	5 anos	Não tem	Veio do JI nº1	É <i>agitado</i> e muito <i>interessado</i> . Gosta de desafiar o adulto, mas ao mesmo tempo <i>procura o seu carinho e atenção</i> . Tem uma postura muito protetora com o Rodrigo e com o Martim, estando sempre a tentar <i>ajudá-lo</i> . Relata frequentemente episódios que vive em casa, dando-nos pistas sobre uma possível relação conflituosa entre a mãe e o namorado, que poderá estar na origem desta sua postura <i>desafiadora</i> .
Filipe	Portuguesa	27-10-2010	5 anos	1 irmão mais velho	Veio de um CSP ³	É <i>curioso</i> e <i>atento</i> . É muito <i>solidário</i> para com os outros e mostra um enorme interesse por carros (sabe todas as marcas e modelos que existem). Gosta de ajudar os outros a compreender as regras e de <i>ditar</i> as suas próprias regras (por vezes temos de negociar com ele para manter o seu espírito argumentativo, mas balancear aquilo que é, ou não, possível em cada momento).

³ CSP – Centro Social e Paroquial

Gleydison	Portuguesa	05-11-2010	5 anos	1 irmã mais velha	Esteve em casa até ao momento	Não tem CAAAF. Viveu no Brasil até ingressar no pré-escolar em Portugal ⁴ . Apresenta um atraso ao nível do desenvolvimento devido ao facto de apenas agora ter iniciado a sua frequência num contexto escolar. <i>Gosta de agradar o adulto</i> e ainda está a aprender regras básicas de convivência com o outro, como esperar pela sua vez, ouvir os outros e resolver conflitos sem recorrer sempre ao adulto. Os seus desenhos são ainda muito básicos e a figura humana é ainda estilo "girino". Já sabe escrever o seu nome com o cartão, mas tenta sempre dizer que não é capaz <i>para que o adulto o ajude</i> . <i>Gosta</i> de partilhar o seu lanche com os outros, em especial com o Alexandre (pede sempre à mãe que traga um pão de leite a mais para dar ao amigo).
Joana V.	Portuguesa	25-12-10	5 anos	2 irmãos mais velhos	Veio do JI P	É um pouco <i>tímida</i> e apenas brinca com o António <i>Procura</i> estar sempre junto do adulto. Por vezes parece não conseguir concentrar-se, especialmente em momentos de grande grupo, onde está sempre a olhar para as janelas ou a falar com o António.
Leonor	Portuguesa	10-11-2010	5 anos	1 irmã mais velha	Veio do grupo anterior	É <i>interessada</i> , <i>atenta</i> e muito <i>protetora</i> para com o outro, principalmente com o Martim, apesar de, muitas vezes, este a agredir fisicamente e psicologicamente. Mostra-se <i>tolerante</i> e <i>preocupada</i> , mas procura o carinho do adulto, possivelmente devido a esta relação de amizade que estabelece com o Martim, que <i>não é fácil de gerir</i> .

⁴ O G. viveu no Brasil até há pouco tempo, não tendo nunca frequentado a creche/JI, devido às questões de legalização da sua nacionalidade, no Brasil. Os pais separaram-se e a mãe acabou por vir viver para Portugal, com a mãe e a avó, tendo inscrito apenas este ano a criança no JI devido à obrigatoriedade do ensino a partir dos 5 anos, em Portugaline

Martim	Portuguesa	11-05-2010	6 anos	1 irmão mais velho	Veio do grupo anterior	NEE. Não falou até tarde, tendo de ser operado aos ouvidos. É <i>interessado</i> e tem um enorme gosto em ajudar o adulto. Fica <i>frustrado</i> com muita facilidade, descarregando a sua <i>raiva e frustração</i> na Leonor (mesmo que esta criança não esteja envolvida no momento), puxando-lhe os cabelos, chamando-lhe nomes ou atirando-lhe com objetos pesados. <i>Não sabe</i> ainda lidar com o facto de não poder ser sempre o primeiro escolhido para falar ou ajudar, começando a gritar por cima dos colegas, insultando, na maioria das vezes, a Leonor. <i>Quando contrariado</i> bate com os pés com força e distancia-se das situações, gritando e batendo ou pontapeando o que está à sua frente. Está medicado e quando estes momentos passam, torna-se <i>carinhoso, preocupado e atencioso</i> , especialmente com o Rodrigo, com a Leonor e com os adultos. Brinca <i>sempre</i> na área dos fantoches e do faz-de-conta.
Mariana	Portuguesa	28-10-2010	5 anos	1 irmã mais nova	Veio do grupo anterior	Começou a CAAAF a 10 de outubro. É muito <i>curiosa</i> , gostando de aprender tudo sobre tudo. Faz muitas perguntas sobre questões que lhe surgem ao tratar cada tema e <i>gosta</i> de fazer recortes nas revistas e colagens, fingindo ser “adulta”, organizando os seus “ficheiros importantes”. Aparenta ter uma boa relação com todas as crianças e <i>gostar de apoiar e ajudar</i> os outros a ultrapassar as suas dificuldades.
Miguel	Portuguesa	16-02-2010	6 anos	1 irmão mais novo	Veio do grupo anterior	Aparenta estar a passar uma fase difícil da sua vida, devido ao recente divórcio dos pais, <i>destabilizando</i> frequentemente o grupo. Procura estar sempre próximo do adulto, pedindo carinho e atenção do mesmo.

Rafael	Portuguesa	13-12-2010	5 anos	1 irmã mais velha	Veio do grupo anterior	É muito <i>reservado</i> , passa frequentemente despercebido devido ao facto de interagir muito pouco com o adulto. Parece <i>gostar</i> de brincar na área das construções.
Rodrigo B.	Portuguesa	06-12-2010	5 anos	1 irmão mais velho	Veio do grupo anterior	É <i>interessado</i> , mas <i>desafiador</i> . <i>Finge não ouvir</i> o que lhe digo e tenta testar os meus limites, algo que não faz com a educadora ou com a auxiliar. <i>Gosta</i> de exprimir as suas opiniões nos momentos de grande grupo.
Rodrigo	Portuguesa	23-10-2011	4 anos	1 irmão mais velho	Veio do JI BB	NEE. Não tem CAAAF. É o elemento que causa maior <i>destabilização</i> no grupo. <i>Mostra perturbações</i> ao nível da atenção, envolvimento, bem-estar, desenvolvimento cognitivo e está diagnosticado também com hiperatividade. <i>Desafia</i> adultos e crianças e <i>tem necessidade</i> de um apoio individualizado constante. <i>Agride, cospe, grita e chora</i> quando a atenção não está focalizada em si, quer no JI, quer em casa, segundo indicação dos pais. Não está medicado e tem vindo a ser avaliado por parte de diversas equipas (psicologia, pedopsiquiatria, neurodesenvolvimento, educação especial e intervenção precoce).
Tiago	Portuguesa	02-02-2011	5 anos	1 irmão mais velho	Veio do grupo anterior	Mostra-se <i>Interessado</i> em participar nos momentos da rotina, mas devido a algumas <i>limitações e imposições</i> por parte da mãe, mostra-se um pouco <i>atrasado no seu desenvolvimento</i> em relação aos outros. <i>Tem</i> muitos medos e receios. Só agora começou a comer sopa à hora do almoço e o lanche traz sempre de casa (iogurte e fruta), sendo o único que come algo diferente dos outros (apesar de não existir nenhum motivo que o justifique, na ótica da equipa). Os seus desenhos são ainda estilo "girino" e as suas conversas com o adulto centram-se sempre no medo de "a mãe ficar

						zangada”. No dia do passeio ao planetário, o lanche ficou no JI e ele comeu o mesmo que os outros, <i>ansioso</i> , referindo várias vezes “a mãe vai-se passar” ou “a mãe não vais gostar nada”.
Tiago G.	Portuguesa	24-09-2010	6 anos	1 irmão mais velho	Veio da sala 4	<i>Gosta de desafiar, contornar as regras e chora quando não consegue o que quer. Interessa-se pelos temas abordados, gostando de exprimir a sua opinião, dar sugestões e participar. Brinca sempre na área das construções, nos legos, não gostando de arrumar. Tem de ser sempre chamado à atenção e negociada uma solução para que ele não exponha todas as suas “criações”, deixando a caixa dos legos quase sem peças e impedindo os outros de brincar.</i>

ANEXO E – HORÁRIO / ROTINA

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
7h30 9h00	AAAF	AAAF	AAAF	AAAF	AAAF
9h00 11h30	Reunião no tapete Lanche manhã Atividades	Reunião no tapete Lanche manhã Atividades	Reunião no tapete Lanche manhã Atividades sala ou ginásio	Reunião no tapete Lanche manhã Atividades	Reunião no tapete Educação Física (10h00) Lanche manhã
Recreio (11h30 – 12h00)					
Almoço (12h00 – 12h30)					
Recreio (12h30 – 13h15)					
13h15 15h15	Atividades em sala	Música (13h30) Atividades em sala	Atividades em sala	Atividades em sala	Atividades em sala
15h15 19h30	AAAF	AAAF	AAAF	AAAF	AAAF

ANEXO G – EXCERTO DE UMA NOTA DE CAMPO ILUSTRADORA DAS VIVÊNCIAS NO RECREIO

“Estava sentada no muro e a Bárbara vem sentar-se ao meu lado, suspirando e olhando para o chão.

Bárbara: Estou triste Joana.

Eu: Estás? Porquê?

Bárbara: Não há nada para fazer.

Eu: Então?

Bárbara: O nosso recreio não é lá muito bom...

Eu: Eu já tinha percebido que alguns de vocês não gostavam muito de vir brincar para aqui.

Bárbara: Sim, ao início era giro, mas agora já não há nada para fazer, não temos nada para brincar!

Eu: Sim, eu compreendo. Então e se pudesses mudar alguma coisa aqui, o que seria?

Bárbara: Punha ali dois escorregas, um pequeno e um grande, uns baloiços... é que até a nossa caixa da areia fecharam, olha! (aponta para a caixa da areia).

Eu: Já tinha reparado também.

Bárbara: Sim... não sei, mas fecharam. Antes os meninos brincavam ali, até era giro.

Ali (aponta para os aparelhos abandonados) ninguém pode brincar porque é perigoso.

Eu: E tu achas que alguém nos pode ajudar a melhorar o recreio?

Bárbara: Quem?

Eu: Não sei... o presidente da junta, o que achas? Enviávamos-lhe uma carta!

Bárbara: Ao diretor?

Eu: Não... ao presidente da junta de freguesia de Benfica!

Bárbara: O presidente de Benfica? Uau... podemos?

Eu: Eu penso que sim! Era giro não achas?

Bárbara: E achas que ele nos ajudava?

Eu: Também não sei... mas ao menos tentamos!

(aproxima-se a Aline)

Bárbara: Aline, nem vais acreditar! Vamos fazer uma carta ao presidente de Benfica a pedir um recreio novo!

(a Aline põe as mãos à frente da boca, arregala os olhos e começa a gritar e a saltar, dando as mãos à Bárbara)” (Excerto NT 21, 3 de novembro 2016, recreio).

ANEXO H – EXCERTO DE UMA NOTA DE CAMPO ILUSTRADORA DE UM MOMENTO DE BRINCADEIRA

“Há uns dias estive a brincar com o Diogo na área do faz-de-conta, onde ele era o meu médico, fazendo-me exames de rotina e depois ao contrário. Depois da “consulta”, escrevi-lhe, numa folha branca, uma “prescrição médica”, com todos os comprimidos que ele teria de tomar (ex.: *comprimido para a tosse e para as dores de garganta*). Na altura não achei muito significativo este momento, ficando apenas feliz por ver que me estava a aproximar cada vez mais desta criança, ganhando a sua confiança e respeito mútuo, mas hoje apercebi-me de que aquela brincadeira se tinha tornado muito mais do que isso. O Diogo diz que “detesta trabalhar”, insistindo sempre em ir brincar enquanto os outros estão nas mesas. Porém, hoje o Diogo não quis ir brincar para as áreas onde costuma estar a maior parte do tempo, agarrando numa folha branca e sentando-se junto a mim, pedindo que lhe escrevesse palavras na folha. Pediu-me que escrevesse “*comprimido para a dor de cabeça, para a tosse e remédios para a garganta*”. Escrevi tudo, lendo-lhe palavra a palavra, apontando ao mesmo tempo. Ele agradeceu, colocando a folha em cima da mesa e começando a sublinhar cada palavra repetindo o que tinha dito. Depois começou a passar por cima das letras, com outra cor. No final afirmou: “Olha Joana, quando eu for para o primeiro ciclo já vou saber escrever estas coisas, depois vou poder escrever cartas!”.” (Excerto NT 14, 19 de outubro 2016, sala de atividades).

ANEXO I – TABELA DESCRITIVA DO ROTEIRO METODOLÓGICO E ÉTICO

Tabela 1

Cruzamento dos dez princípios éticos e deontológicos do trabalho de investigação definidos por Tomás (2011), com os compromissos éticos pessoais e profissionais da APEI (2011) e respetiva prática pedagógica por mim desenvolvida durante a intervenção / investigação.

<u>10 Princípios éticos e deontológicos</u> (Tomás, 2011)	<u>Prática Pedagógica</u>	<u>Compromissos éticos pessoais e profissionais</u> (APEI, 2011)
<p>1. Objetivos do trabalho</p> <p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</p> <p>7. Consentimento informado</p>	<p>Os objetivos do estudo a desenvolver no âmbito da investigação foram explicitados, quer aos adultos (equipa educativa e famílias), quer às crianças, que se constituíam elementos participantes e, nesse sentido, informados de todo o processo a desenvolver. Esse consentimento foi conseguido através de conversas informais (com os adultos) e de momentos de grande ou pequenos grupos, com as crianças. Como é referido no corpo de texto do relatório, existiu sempre preocupação em pedir autorização às crianças e às famílias para fotografar ou realizar gravações áudio que me auxiliassem no processo de registo da informação pertinente. Notei que, as próprias crianças, possivelmente por estarem diretamente envolvidas na investigação enquanto membros participativos da mesma, demonstraram sempre uma grande vontade em colaborar, ajudando e refletindo sobre os tópicos e questões que iam sendo lançadas, não só nos momentos de discussão focalizada (referidos no corpo de texto), como também noutros momentos não-orientados da rotina, transpondo as suas conceções e reflexões de grupo, por exemplo, para a brincadeira do faz-de-conta. Por ter abordado o assunto referindo que precisava da sua ajuda para um trabalho da minha escola, que tinha surgido do projeto desenvolvido, algumas crianças aproximavam-se dizendo “Joana escreve aí, ser mãe é mesmo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança. - Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras na acção educativa. - Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança. - Assegurar uma isenção que impeça a utilização das famílias

	<p>cansativo...” (Aline, 5 anos). Este não era então o meu estudo sobre os papéis e as funções das crianças e dos adultos na família, era sim o nosso estudo, que partia daquilo que as crianças sabiam, onde estas se encontravam envolvidas, empenhadas e motivadas. A sua voz era ouvida, era relevante e elas pareciam apreciar essa mesma importância que era dada aos seus pensamentos, ideias e afirmações.</p> <p>Torna-se relevante referir também que, num momento inicial de definição da problemática a estudar (mais concretamente após a iniciação do projeto sobre os tipos de famílias), o apoio, orientação e aconselhamento por parte equipa educativa mostrou-se fulcral, não apenas por este ser um tema que poderia gerar alguma controvérsia perante as famílias, mas também devido ao facto de, ao falar sobre famílias, funções, papéis associados aos membros da família e ao lugar da criança nessa esfera, poderia criar um sentimento de sobre-exposição e algum desconforto por parte das famílias. Nesse sentido, procurei preservar no anonimato tudo o que pudesse referenciar o JI ou o grupo de crianças, utilizando apenas o seu primeiro nome e a sua idade como referência. Em todas as fotografias utilizadas existiu a preocupação em ocultar a face das crianças ou outros elementos identificadores da identidade das crianças, assumindo como condição essencial o cumprimento da ética e profissionalismo, o respeito pela confidencialidade dos dados e privacidade das famílias e das crianças. Para isso, foi previamente enviado um pedido de autorização aos pais onde foi explicitado o objetivo e a necessidade da captação de momentos através da fotografia, bem como os termos da sua utilização. Apenas uma família não autorizou e, respeitando a sua vontade, nunca foram tiradas fotografias a esta criança, para o âmbito do relatório⁵. A utilização da fotografia quer no âmbito da investigação, quer da própria intervenção, foi, por vezes, um constrangimento ao</p>	<p>em favor de interesses e/ou cumplicidades pessoais.</p> <p>Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade - Respeitar as normas e regulamentos. - Assumir a sua condição de cidadã(o), agindo de modo informado, responsável e coerente com o seu estatuto de profissional.
--	---	---

⁵ A educadora da sala continha, nos *dossiers* de cada criança, uma autorização escrita de cada família no sentido da permissão de fotografias e da sua utilização para fins internos (JI). O Afonso (criança cuja família não autorizou fotografias no âmbito do trabalho por mim desenvolvido) pôde sempre ser capturado em fotografias, nos termos supramencionados (fins internos).

	<p>registo, pois as crianças paravam o que estavam a realizar, olhando para o dispositivo móvel, sorrindo e interrompendo a sua ação, querendo ver as fotografias. Porém essa foi uma situação que se foi alterando à medida que a captação de momentos através da fotografia foi sendo mais recorrente, assim como as gravações áudio, que passaram a ser algo habitual.</p>	
<p>2. Custos e benefícios</p> <p>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</p> <p>9. Possível impacto nas crianças</p>	<p>Como referido no corpo de texto, a investigação partiu precisamente do projeto realizado, tendo como foco principal as conceções das crianças, envolvendo-as enquanto sujeitos ativos e participativos de todo o estudo. Porém, devido às problemáticas associadas às necessidades educativas especiais do Rodrigo foi, tal como no projeto, impossível incluí-lo no estudo. Esta é uma criança que necessita ainda de um grande trabalho e apoio individualizado, de criação de regras e estabelecimento de limites associados ao seu comportamento, não sendo, por esse motivo, possível captar a sua opinião sobre a temática, uma vez que não existia disponibilidade, por parte da criança, para o fazer⁶. Apesar disso, todas as restantes crianças participaram, contribuindo de forma extremamente significativa para o estudo em causa. Priorizou-se, em todos os momentos, o respeito pelas suas opiniões, ideias e conceções, fomentando o diálogo e o debate entre os pequenos grupos, tendo o adulto assumido apenas uma postura de mediador, lançando questões que estimulassem o pensamento crítico das crianças, face ao assunto. A opção de criação destes pequenos grupos de discussão focalizada para a investigação, fora da sala de atividades, acabou por se assumir como um benefício para as crianças, uma vez que os debates em grande grupo são sempre difíceis de concretizar. Existiu uma maior focalização e atenção a cada criança e penso que foi efetivamente benéfico para cada uma</p>	<p>- Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.</p> <p>- Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança</p>

⁶ “Conversei com a educadora cooperante sobre a possibilidade de tentar incluir o Rodrigo no estudo. Concordando, a educadora chamou a criança e perguntou-lhe se ele gostaria de me ajudar, ao que esta responde que sim, parecendo ficar atenta. Questionei-lhe sobre o que ele pensava sobre o que era ser filho e o Rodrigo respondeu-me “é o autocarro amarelo”, rindo-se e começando a escorregar da cadeira, parecendo querer sair dali” (excerto NT 47, 11 de janeiro 2017, sala de atividades).

	<p>delas, promovendo o sentimento de pertença perante o estudo, que foi tomado como algo de extrema importância e como assunto recorrente nas conversas das crianças.</p> <p>Como referido no corpo de texto, o facto de ter muitas vezes de me fazer acompanhar de um papel e de uma caneta, especialmente durante as brincadeiras, constituía-se como um constrangimento para mim e para as crianças, que, por vezes, aparentavam sentir-se inibidas, sabendo que estava a escrever algo sobre elas. Muitas vezes pediam para eu ler o que tinha escrito, demonstrando uma curiosidade imensa em saber o quê e sobre o quê estava eu a escrever, com uma letra tão <i>estranha</i>, que muitas vezes nem eu mesma entendia. Eu assim o fazia, explicando-lhes que muitas vezes era difícil escrever rápido tudo o que estava a acontecer e que eu só escrevia coisas importantes para o nosso estudo sobre famílias, o que as deixava visivelmente <i>orgulhosas</i>.</p> <p>“Joana V.: o que estas a escrever nesse papel Joana?</p> <p>Aline: ela está a fazer-me uma entrevista não vês? Estou a contar-lhe o que é ser mãe porque ela está a brincar connosco. Ela escreve tudo para depois contar à professora, estou a ajudar no trabalho” (Excerto NT 49, 16 de janeiro 2017, sala de atividades).</p> <p>Contudo, apesar de todos estes aspetos positivos, importa referir que este foi um estudo que sofreu alterações e adaptações, com o passar do tempo. Inicialmente, procurava-se que esta fosse uma investigação com uma maior ligação à ação, afastando-se de um estudo de caso e envolvendo diretamente não só as crianças, como também as famílias, numa perspetiva de comparação de conceções. Contudo, devido a constrangimentos de tempo e oportunidade para realizar todas essas ideias iniciais, relacionados com o tempo de desenvolvimento e conclusão do projeto, que não correspondeu ao previsto, estendendo-se até dezembro, a investigação acabou por decorrer em apenas três semanas, no mês de janeiro, existindo assim a necessidade de adaptar e re-equacionar os objetivos do estudo, aproveitando-se também dados recolhidos através do projeto, como meio de gerir os recursos e o tempo disponível. Assim, os momentos de discussão focalizada foram</p>	<p>na sua globalidade e inserida no seu contexto.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance. - Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma. - Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais. - Re-equacionar a sua acção de acordo com os desafios emergentes, perspectivando-os na ecologia da infância.
--	--	---

	<p>aproveitados para a concretização do livro do projeto, o que foi extremamente benéfico, porém as crianças tinham de sair da sala, levando a que atividades de grande grupo não pudessem ser concretizadas pela educadora cooperante, como previsto. Nesta fase, o apoio e a compreensão demonstrada pela mesma mostrou-se essencial, existindo uma visível priorização e criação de condições para que o estudo decorresse e fosse tirado proveito do mesmo, tanto pelos adultos, como pelas crianças, garantindo, assim, que os interesses das mesmas demonstrados no momento (participar nos grupos de debate e nas “entrevistas”) estavam acima dos interesses institucionais e do calendário do plano anual de atividades.</p>	
<p>5. Fundamentos</p> <p>6. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</p>	<p>Esta é uma problemática inserida no campo da Sociologia da Infância, centralizada no objetivo de compreender e refletir sobre os conceitos e ideias que as crianças em idade pré-escolar têm sobre as funções e os papéis de crianças e adultos no meio familiar. De modo a concretizar a presente investigação, tornou-se necessário que a reflexão acerca da temática emergente se focalizasse em duas esferas: a da criança e a do adulto. Perante os dados obtidos através do debate entre as crianças, o/a adulto/a (investigador/a) deve, tal como Fernandes e Tomás (2011) afirmam, concretizar um processo de flexibilidade permanente e cauteloso acerca dos modos de compreensão e apreensão que as crianças fazem do mundo (p. 3). Assim, perante o objetivo definido, a gradual análise do conteúdo recolhido e a comparação com outros dados obtidos noutros momentos, fez emergir esse mesmo processo de reflexão constante, atento às especificidades individuais que caracterizam cada criança e o seu respetivo contexto familiar. Nesse sentido, foram selecionados excertos de registos, transcrições de gravações dos grupos de discussão focalizada e outras notas de campo significativas para o estudo, sendo, desse modo, criado o corpo de informações a serem tratadas, abordadas e confrontadas de acordo com o referencial teórico</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem. - Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo. - Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.

	<p>existente sobre a temática, utilizando como base a categorização definida por Cunha (2007), como é indicado. Sendo uma investigação de natureza qualitativa, cuja metodologia utilizada se apresenta como um estudo de caso e os instrumentos de recolha de dados, a fotografia, as gravações áudio, a observação participante e não-participante e os registos/notas de campo, importa mencionar os conceitos-chave inerentes, que nortearam a condução da mesma: infância, família, funções dos filhos e funções dos pais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participar na construção da própria organização social em que está inserido(a) - Situar-se nas políticas públicas educativas, contribuindo para uma educação de qualidade e para a promoção de práticas de equidade social. - Implicar-se na valorização da função social e cultural dos profissionais de Educação de Infância e na construção das condições estruturais que mais a dignifiquem.
<p>8. Uso e relato das conclusões</p> <p>10. Informação às crianças e adultos envolvidos</p>	<p>A devolução da informação a todos os intervenientes implicados na investigação (equipa, famílias e crianças) é algo que não deve ser realizado apenas numa fase final, apresentando as conclusões do estudo, mas sim ao longo de toda a prática. Nesse sentido, no que diz respeito à investigação, procurei informar, numa primeira fase, na reunião de pais, os objetivos da mesma, mostrando-me disponível para receber sugestões ou comentários da parte das famílias. A devolução da informação recolhida, às famílias, acabou por ser feita de um modo mais informal, através de conversas nos momentos de acolhimento, ao contrário do relato das informações respeitantes ao projeto, que foram sendo divulgadas através da exposição de trabalhos, conversas informais e formais, tendo esta</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Respeitar as famílias e a sua estrutura, valorizando a sua competência educativa. - Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras na acção educativa. - Disponibilizar-se para dar apoio e reunir com a família, no sentido

	<p>devolução de informação tido um maior impacto na reunião de pais, onde estava representado pelo menos um membro da família de cada criança (à exceção da família do Miguel, que não compareceu). Nessa mesma reunião foi explicado o desenvolvimento de todo o projeto e, como referido, da investigação decorrente do mesmo, tendo sido mostrado um vídeo que elaborei para as crianças, com várias fotografias ilustradoras de todo o processo, do envolvimento e participação das crianças, das atividades desenvolvidas, etc. Esse mesmo vídeo, como supramencionado, destinava-se às crianças, tendo sido considerado o modo mais significativo de devolução de todo o trabalho desenvolvido, assim como para as famílias e para a equipa. Já no que diz respeito à investigação, existiu uma constante devolução das conclusões e informações, tanto às crianças, como à equipa, que estiveram sempre a par de tudo o que era desenvolvido, uma vez que ambas as esferas se encontravam intrinsecamente relacionadas com o estudo, ao contrário das famílias que, apesar de informadas, não se encontravam tão ligadas ao estudo quanto eu gostaria, pelos motivos enunciados anteriormente. As gravações realizadas eram ouvidas pelas crianças, as fotografias visualizadas e penso que posso mesmo afirmar que, de certo modo, até a informação era também selecionada por elas – “Eu acho que tens de escrever no teu trabalho e dizer aos teus professores que ser filho é ajudar os pais, porque ser pai e mãe é mesmo complicado” (Filipe, 6 anos). Ficou decidido que após a apresentação do projeto, iria visitar o grupo e a equipa para lhes contar “o que os professores disseram sobre o <u>nosso projeto</u>” (Mariana, 6 anos), momento este concretizado no dia 23 de janeiro de 2017, da parte da tarde. Do mesmo modo, nesse dia, uma outra promessa de igual carácter ficou feita, requerida pelas crianças: “visitar, final de tudo, para contar o que os professores disseram sobre o <u>nosso trabalho das famílias</u> e como é já ser <i>professora</i>” (Bárbara, 6 anos). Uma cópia do relatório será entregue à educadora cooperante, podendo esta, se considerar pertinente, disponibiliza-la às famílias das crianças (assunto debatido com a mesma, ainda em deliberação por motivos relacionados com o contexto).</p>	<p>de, em conjunto, encontrar atitudes e práticas no que respeita à educação de cada criança.</p>
--	---	--

ANEXO J - ÁRVORE CATEGORIAL COM UNIDADES DE REGISTO

Título: Os lugares das crianças na família e as funções dos diferentes membros que dela fazem parte			
Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Função dos/as adultos/as em relação aos/às filhos/as	Dimensão de proteção	Cuidado	Diogo (6 anos): “ <u>ser pai é ser responsável e cuidar dos filhos</u> ”
		Regulação do comportamento	Rodrigo B. (6 anos): “(...) os pais <u>zangam-se</u> com as mães e as mães com os pais e <u>gritam</u> ” Filipe (6 anos): “ <u>eles é que mandam!</u> ”
	Dimensão instrumental	Económica/ Material	Gleydison (6 anos): “[fazem] <u>compras</u> ” António (5 anos): “[têm de] <u>ganhar dinheiro</u> para comprar coisas” Miguel (6 anos): “(...) <u>compram coisas</u> quando os filhos se portam bem” Tiago G. (6 anos): (...) ser filho é só brincar! Os pais têm de trabalhar... mas é injusto, porque <u>os pais também gostavam de brincar com os filhos</u> ”
		Companhia/Auxílio	António (5 anos): “eu no outro <u>dia queria brincar com a minha mãe</u> , mas só que ela estava cansada...” Aline (5 anos): “a melhor parte de ser mãe é <u>ajudar</u> ” Gleydison (6 anos): Eles <u>ajudam os seus filhos.</u> ” Filipe (6 anos): as crianças podem brincar e os adultos não... <u>os adultos já não são crianças</u> . Eles <u>não conseguem brincar</u> , <u>umas vezes querem e outras não</u> , porque <u>têm de trabalhar e ver televisão, têm de fazer tudo!</u> E <u>ainda têm trabalho para fazer</u> , os adultos!
	Dimensão dos papéis sociais assumidos	Diferenciação Género	Bárbara (6 anos): “Eu acho que <u>ser mãe é muito fácil mas dá muito trabalho</u> . <u>Elas adoram os seus filhos</u> ” Diogo (6 anos): “[as mães] é dar <u>leitinho</u> aos bebés quando eles nascem e também <u>dar coisas saudáveis aos filhos</u> . <u>É tratar dos filhos</u> ”

	dos/as adultos/as		<p>Mariana (6 anos): “<u>ajudar o marido...</u> ele não pode fazer tudo sozinho”</p> <p>Leonor (6 anos): “e <u>as mães cozinham, dão amor...</u>”</p> <p>Alexandre (6 anos): “(...) Ser mãe é ser <u>dona da casa e tratar das coisas da casa.</u>”</p> <p>Alexandre P. (6 anos): “e a mãe tem de <u>trabalhar</u>; Rafael (6 anos): e <u>limpar!</u>; Alexandre P: <u>aspirar...</u>; Rafael: <u>fazer comida!</u>”</p> <p>Alexandre (6 anos): “<u>ser pai é muito importante</u>, por causa que <u>ele é que compra a casa, compra o carro...</u> (...) <u>o pai é que manda mais!</u> (...) porque o papá <u>é o que faz mais coisas</u> e é o que <u>se chateia mais</u>”</p> <p>Tiago G. (6 anos): “na minha casa o pai faz isso tudo [<u>funções da mãe</u>] porque ele <u>já não vive com a mãe e tem de fazer</u>”</p>
Conceções da criança sobre o que é ser filho/a e criança	Ser filho/a	Necessidades/Afetividade	<p>Mariana (6 anos): “[precisam de] <u>uma casa para viver</u>”</p> <p>Mariana (6 anos): “[necessidade de comprar] <u>comida</u> para os filhos”</p> <p>António (5 anos): “(...) os filhos precisam de <u>amor</u> (...) <u>carinho e de pais</u>”</p> <p>Alexandre (6 anos): “ser filho é <u>dar carinho</u> aos pais, aos tios, aos avós...”</p> <p>António (5 anos): “(...) mas <u>o que interessa mais do que brinquedos é amor!</u>”</p>
		Funções	<p>Afonso (5 anos): (...) <u>É só brincar, brincar!</u>”</p> <p>Rodrigo B. (6 anos): “(...) ser filho é só <u>brincar</u> e também <u>ver televisão e jogar no telemóvel dos pais...</u>”</p> <p>Filipe (6 anos): “(...) ser filho é <u>ajudar os pais</u>, porque ser pai e mãe é mesmo complicado...”</p> <p>Diogo (6 anos): “As crianças <u>brincam com os brinquedos e com os manos</u>”</p>

		Respeitar a ordem dos/as adultos/as	<p>Martim: “Ser filho é <u>ser boa pessoa e respeitar os crescidos</u>”</p> <p>Alexandre (6 anos): “[<u>não é fácil</u>] porque <u>há tarefas, temos de obedecer...</u>”</p> <p>Afonso (5 anos): “[os filhos] não podem fazer asneiras!”</p> <p>Diogo (6 anos): “(...) há crianças que não gostam de ir para a cama, gostam de ficar com a mãe e o pai e <u>eles não deixam</u>”</p>
	Ser criança	Irresponsabilidade/Riscos e perigos	<p>Miguel (6 anos): “<u>Crianças sozinhas é muito perigoso!</u>”</p> <p>Bárbara (6 anos): “nós não podemos ir às compras sozinhos, só com os pais. <u>É muito perigoso! Podemos perder e depois não sabemos o caminho</u>”</p> <p>Aline (5 anos): “[<u>não temos dinheiro</u>] <u>porque somos crianças! podemos perder</u>”</p> <p>Mariana (6 anos): “(...) podem vir ladrões, podem roubar coisas, <u>podem por as crianças dentro de um saco de plástico e isso é muito grave!</u> Depois os pais dizem “onde é que está a nossa criança?” e depois <u>os ladrões fogem com a criança no saco</u>”</p> <p>Aline (5 anos): “<u>se estiver sozinha em casa depois tocam à campainha e ela abre e depois o ladrão vem e chega de queridinho. (...) [que é] fingir que é bom. E <u>tapa a boca da criança e leva</u></u>”</p> <p>Filipe (6 anos): “(...) os filhos <u>não podem mexer em coisas com fogo, mas os adultos podem com luvas (...)</u> <u>o fogo derrete as luvas das crianças porque são muito pequeninas</u>”</p> <p>António (5 anos): “os meus pais podem ficar sozinhos, <u>já são adultos!</u> Eu não, <u>fico com a minha avó</u>”</p> <p>Alexandre (6 anos): “há muitos perigos mesmo, <u>muitos perigos para as crianças!</u>”</p>

Nota: Categorização teve como guia teórico-metodológico: Cunha, V. (2007). *O Lugar dos Filhos. Ideais, Práticas e Significados*.

Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

ANEXO K – EXEMPLOS DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DAS CRIANÇAS



Descrição:

”Ser filho é amar as crianças e ajudar a mãe e ter direito a uma casa com os pais” (Diogo, 6 anos).



Descrição:

”Ser filho é jogar à bola” (Tiago G., 6 anos).



Descrição:

”Ser filha é amor, carinho e estar sempre ao lado da família” (Aline, 5 anos).



Descrição:

"Ser filho é brincar aos saltos"
(Alexandre P., 6 anos).



Descrição:

"Ser filho é passear com o pai e ter
uma casa para viver" (Alexandre, 6
anos).



Descrição:

"Ser filho é brincar com os
brinquedos no quarto" (António, 5
anos).



Descrição:

"Ser filho é arrumar as coisas para ajudar os pais" (Rafael, 6 anos).